



SENADO EM CRISE

O resultado não fará qualquer diferença: depoimento do ex-presidente do Senado, que será transmitido ao vivo por duas TVs abertas e outras duas pagas, é o último ato político de grande porte do homem que esteve por 34 anos de braços dados com o poder

O adeus de Antonio Carlos

Olímpio Cruz Neto
Da equipe do Correio

Quer se saia bem ou mal no depoimento que fará diante dos seus pares no Conselho de Ética do Senado, quer mais adiante escape ou não de perder o mandato sob a acusação de ter encomendado o estupro do painel eletrônico, o baiano Antonio Carlos Peixoto de Magalhães encenará hoje, a partir das 14h30, o último ato político de grande envergadura de seus 73 anos, quase 50 de vida pública. Trinta e quatro deles no poder ou próximo dele.

O Congresso vai parar para ouvir Antonio Carlos. A Câmara dos Deputados e o Senado suspenderão suas sessões ordinárias. A TV Senado deverá quebrar o recorde de audiência dos seus cinco curtos anos de funcionamento. As tevés *Bandeirantes*, *GloboNews* e *Record*, e pelo menos cinco emissoras de rádio de alcance nacional transmitirão direto e na íntegra o depoimento do senador baiano. *Flashes* ao vivo marcarão a programação da TV Globo.

Antonio Carlos está saindo da política nacional da mesma maneira como entrou: fazendo barulho ou sendo alvo de barulho. Quando ainda não tinha mandato e cobria como jornalista nos anos 50 as sessões da Assembleia Legislativa da Bahia, o impetuoso rapaz do bairro do Campo da Pólvora, em Salvador, pediu um aparte a um deputado que discursava na tribuna e quase saiu no tapa com ele.

Não há risco do ACM des temperado emergir hoje na sala da Comissão de Constituição e Justiça, na Ala Alexandre Costa, prédio anexo do Senado. É ali que o Conselho de Ética tem se reunido. Os 16 senadores integrantes do conselho, mais outros parlamentares, vão ouvir ACM. Atentos. Ansiosos. Antonio Carlos sabe que deverá ser mais *Ternura* do que Malvadeza. E será. Mas que não se espere que o político acostumado a falar grosso, fale fino. Aquele que intimida adversários não se deixará intimidar. O homem que costuma ser altivo, não vai transparecer humildade. Dessa forma, ele seria outro. E não será.

BRILHO OFUSCADO

Certamente, Antonio Carlos Magalhães nunca imaginou que o epílogo de sua carreira política seria marcado por um ato tão constrangedor como o que viverá hoje. Nem que esse epílogo o surpreenderia em uma situação tão paradoxal. Isso porque nunca esteve tão em baixa nas vizinhanças do poder federal. Nem tão em alta junto aos baianos. O presidente da Repú



ANTONIO CARLOS MAGALHÃES LUTA ATÉ CONTRA O GOVERNO FEDERAL, QUE QUER VÊ-LO CASSADO: "YOU CONFIRMAR QUE VI A LISTA, MAS NÃO DEI A ORDEM"

blica quer vê-lo cassado. Mas os baianos querem vê-lo governando o estado pela quarta vez.

Fernando Henrique Cardoso sentiu-se alcançado pelas denúncias de ACM de que há corrupção no governo dele e retaliou pesadamente. Demitiu dois ministros indicados pelo senador baiano, fez tudo para isolá-lo e atua sem dissimulação para que ele perca o mandato e os direitos políticos por dez anos. Mas Antonio Carlos ainda detém prestígio. E mantém sua incontestável liderança política.

Pesquisa feita pelo Ibope, e concluída no último dia 3, confere a Antonio Carlos nada menos que 74% das intenções de voto para o governo da Bahia. A rejeição ao seu nome mal chega aos 18%.

"Ele é forte e continuará forte na Bahia. Mas até mesmo lá a estrela dele tende cada vez mais a perder brilho", decreta o cientista político Marcos Coimbra, do Instituto Vox Populi. Um sinal de

que muita coisa mudou desde que ACM assumiu seu mandato de deputado estadual ainda em 1954. Entre 1958 e 1967, foi deputado federal por três vezes. De 1971 para cá, ACM governou a Bahia também por três vezes e elegeu três governadores. É um grande eleitor. Apoiou e foi apoiado por todos os presidentes da República nos últimos 30 anos. A exceção foi Itamar Franco, de quem manteve-se afastado.

A estrela de Antonio Carlos chegou a sofrer um apagão súbito quando foi operado às pressas do coração em 1989. Infartou. Mas resistiu. Saiu do susto com 30% do coração revestido por uma membrana bovina. Era então o ministro das Comunicações do governo Sarney. E ainda sofreu outro baque quando perdeu seu futuro político em abril de 1998, com a morte precoce do filho, o deputado Luiz Eduardo Magalhães. E mais um há apenas três meses, quan-

do foi flagrado por um gravador indiscreto falando mal do presidente da República e confessando a violação do painel eletrônico do Senado.

VERSÕES VARIADAS

No encontro com os procuradores da República Guilherme Schelb, Eliana Torelly e Luiz Francisco de Souza, Antonio Carlos disse que

sabia como votaram os senadores na sessão que cassou o mandato de Luiz Estevão. Tratava de informar aos incrédulos procuradores que a senadora Heloísa Helena (PT-AL) havia votado contra a cassação de Estevão. "Lemos a lista. Heloísa Helena votou nele. Eu tenho todos que votaram nele", afirmou. Em seguida, negou. Mesmo depois que o depoimento da ex-diretora do Prodasen Regina Célia Peres Borges veio à tona, na segunda-feira passada.

Regina confessou que foi procurada pelo senador José Roberto Arruda, hoje ex-líder do governo e um ex-tucano, para executar a violação do painel eletrônico do Senado. Arruda disse a ela que a ordem era de ACM. O baiano negou mais uma vez. O próprio ex-tucano confessou, na última segunda-feira, depois de ter negado em plenário, que realmente a procurou. Mas jamais deu a ordem. Apenas a consultou. Mesmo assim, diante da confissão de Arruda, ACM negou.

Em São Luís, no Maranhão, onde a cúpula pefelista estava reunida, naquela mesma segunda-feira, para tratar dos rumos do partido em 2002, o senador negou. "Não vi, não tive conhecimento e não tenho nenhuma lista de votação", afirmou. Na terça-feira, mudou: "Vi a lista, mas rasguei". Ontem, reafirmou: "Vou confirmar que vi a lista, mas não dei a ordem".